Explicando e julgando*

1. Os julgamentos e sua categorização; 2. Investigando diferenças qualitativas de julgamento; 3. Avaliação e consistência dos julgamentos.

1. Os julgamentos e sua categorização

O processo de categorização dos julgamentos emitidos por adolescentes depende fundamentalmente do referencial teórico usado para analisar as respostas aos textos-teste e do tipo de material de testagem usado na pesquisa.

O material consiste em pequenas passagens a respeito de assuntos da atualidade, ou de problemas de ordem social ou intelectual às quais se seguem duas perguntas: a primeira sobre o texto em si, e a segunda cuja formulação — Por que você acha isto? — exige uma explicação ao que foi respondido anteriormente.

A unidade formada pelo texto e perguntas é sempre única. A primeira pergunta não pode ser respondida só com as informações contidas no texto. Isto gera a necessidade de justificar a resposta. Esta justificativa fornece ao pesquisador os dados para avaliar o amadurecimento do pensamento do adolescente, substanciando também os estudos sobre a qualidade do pensar.

* Tradução, resumo e adaptação do cap. 2 do livro de E. A. Peel *The nature of adolescent judgment*, por Léa Kauffmann Elliott.

Torna-se necessário aplicar critérios para situar as respostas em categorias. Os critérios encontram-se no referencial teórico já apresentado nos artigos anteriores, do qual destacam-se os conceitos básicos de descrever e explicar. Um dos significados apresentados para a compreensão foi o de traduzir palavras em ação. Descrever pode ser comparado a este nível mais simples de compreensão. Explicar refere-se à capacidade de generalizar independentemente das causas imediatas de um fenômeno.

Descrever e explicar são processos que caracterizam o uso da informação contida no texto.

A descrição prende-se ao texto levando a respostas dominadas pelo conteúdo do mesmo. Para explicar é necessário ir além do próprio texto fazendo-se uso, por exemplo, da imaginação, de experiências anteriores, do levantamento de hipóteses.

Peel considera fundamental para o estudo do pensamento do adolescente a distinção entre respostas presas ao texto e as respostas imaginativas. Esta distinção constitui o ponto de referência para a construção dos experimentos. A transição entre respostas presas ao conteúdo e imaginativas dá-se na metade da adolescência.

Baseando-se, portanto, em descrever e explicar como critérios para avaliação das respostas ao texto, Peel e colaboradores encontraram três níveis básicos ou três categorias de respostas, a saber:

a) respostas tautológicas, que negam a premissa, parciais e inconsistentes, logicamente limitadas, vistas também como respostas restritas;

b) respostas baseadas apenas na seleção de aspectos contidos no texto, chamadas também de circunstanciais;

c) respostas imaginativas nas quais aparecem idéias fora do texto, com um caráter compreensivo, globalizante.

Em pesquisas que se utilizaram de textos de história e geografia, por exemplo, foram encontradas outras categorias mais específicas, sendo mantido o esquema básico já apresentado.

Naturalmente, a resposta imaginativa pode situar-se em níveis crescentes de generalização e abstração, observando-se diferenças qualitativas entre os julgamentos emitidos.

Da mesma forma, Peel acentua que o aluno capaz de responder imaginativamente revela possibilidades de fazer previsões quando se trata de fenômenos semelhantes. O aluno que apenas descreve só faz previsões quando a situação repete as características do fenômeno anterior.

2. Investigando diferenças qualitativas de julgamento

Problemas referentes à diferença qualitativa do julgamento constituem novas questões para a metodologia da pesquisa desenvolvida por Peel. Uma tarefa na investigação das diferenças é a de produzir material de testagem capaz de evocar pensamento conceptual e causal no nível mais alto de respostas. O texto deve conter informações que desafiem a imaginação justamente por não serem exaustivas da situação. Esse aspecto será comentado no artigo subseqüente.

O exemplo que se segue ilustra a investigação sobre os diferentes níveis de respostas e seus aspectos específicos que variam segundo a idade cronológica dos sujeitos:

"Todas as grandes cidades possuem galerias de arte e a Itália é excepcionalmente rica em tesouros artísticos. Muitas pessoas viajam para a Itália especialmente para apreciar as pinturas antigas, livros e esculturas. As enchentes em Florença estragaram muitas destas obras de arte. Pinturas antigas são raras, valiosas e belas. Deveriam ser guardadas em lugar seguro."

Pergunta: "Os italianos são os culpados pela perda das pinturas e tesouros artísticos?"

Amostras de respostas categorizadas de acordo com o esquema básico:

1. Não, realmente não é culpa deles, eles só tinham que guardá-las (a).

2. Não, porque eles têm muitos tesouros (a).

3. Eu não creio que eles sejam. Eu acho que foi o tempo, e a chuva teve que vir (c).

4. Bem, eu não pensaria assim, realmente não, porque as enchentes, quer dizer, eles não deixaram as enchentes vir, deixaram? (b).

5. Bem, não inteiramente, eles foram em parte culpados porque eles as poderiam ter colocado em algum lugar onde não fossem estragadas pelas enchentes, mas se não havia lugar para colocá-las eles não podem ser considerados culpados (c).

6. Bem, não inteiramente, as pinturas poderiam ter sido guardadas em segurança, a menos que as enchentes os pegassem de surpresa. Eu imagino que eles o fizeram, mas seria melhor protegê-las em caixas de vidro (c).

A distribuição das categorias por idade foi a seguinte:

QUADRO 1

Faixa etária	Categoria de resposta		
	Imaginativa	Circunstancial	Restrita
	(c)	(b)	(a)
11,0—12,11	5	15	1
13,0—15,2	12	12	3

As respostas destacam as diferenças gerais entre a opinião circunstancial ao texto, limitado pelo seu conteúdo, e os julgamentos imaginativos enriquecidos pelo aluno.

3. Avaliação e consistência dos julgamentos

Na avaliação é importante considerar dois aspectos: o grau de acordo entre os juízes dos julgamentos feitos pelos alunos e o número de categorias usadas na escala.

Os resultados e as escalas de categorias usados por Peel e seus colaboradores foram submetidos à técnica de Gutman.

A fidedignidade da avaliação dos julgamentos foi medida pelo grau de acordo encontrado entre os juízes que receberam as mesmas instruções sobre a escala de três pontos e as mesmas respostas. Os coeficientes de correlação obtidos para o teste *Piloto* (já ilustrado) foram respectivamente 0,97 e 0,89.

Correlação igualmente indicadora de alta fidedignidade foi encontrada com textos referentes a geografia, história, assuntos da atualidade. O número de juízes utilizados nos testes de fidedignidade variou até 11.

Quanto ao número de categorias, Peel refere-se, como já vimos, a três. Alguns colaboradores usaram quatro e outros até mesmo seis, chegando a identificar diferenças cada vez mais específicas. O excesso de categorias pode aumentar o risco da subjetividade na avaliação.

Quanto à consistência dos julgamentos, levanta-se o problema da estabilidade do nível de julgamento de uma pessoa quando se considera o desenvolvimento intelectual. Peel concentrou-se no estudo do nível de julgamento em função da situação-teste escolhida. Não estudou a fidedignidade do julgamento, pois a utilização repetida de um texto no pós-teste poderia determinar efeitos nítidos de aprendizagem. Entretanto, a correlação entre os resultados obtidos por sujeitos de diferentes amostras submetidos a diferentes testes indica alta consistência nos tipos de respostas dadas.

Se os textos não diferirem substancialmente em dificuldade e área do conhecimento humano, é bastante provável, segundo os estudos realizados, que não haja disparidade de níveis em uma mesma pessoa.

Os resultados indicam que a relação entre descrever × explicar e julgar está presa ao fator idade. Há bastante evidência de que durante a adolescência e após esta fase os julgamentos distribuem-se nas categorias de respostas circunstanciais e imaginativas.

COMUNICAÇÃO EM PROSA MODERNA

7ª edição

Othon M. Garcia

Obra revolucionária no campo da expressão em língua portuguesa, ensina não apenas a escrever, mas principalmente a pensar com eficácia e objetividade e a escrever sem a obsessão do purismo gramatical, mas com a clareza e a coerência indispensáveis a fazer da linguagem, oral ou escrita, um veículo de comunicação e não de escamoteação de idéias.

Pedidos para a
Editora da Fundação Getulio Vargas
Praia de Botafogo, 188, C.P. 9.052, ZC-02
Rio de Janeiro, RJ.